

Convênio melhora vida dos xicrins

Ao contrário da maioria dos índios da Amazônia, os xikrins do Kateté, do tronco Kaiapó, têm motivos para comemorar a proximidade com uma empresa de mineração. Em 15 anos, eles se multiplicaram no sul do Pará, saltando de 242 para 548 habitantes, graças a um convênio entre a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Fundação Nacional do Índio (Funai). Os xikrins vivem numa reserva de 411 mil hectares ao lado da área do Projeto Carajás.

O convênio levou aos índios benefícios nas áreas de educação, saúde, cultura, agricultura e transportes. A Vale construiu uma estrada de acesso à reserva, a partir do município de Tucumã. No inverno, só se chega à aldeia de helicóptero.

O isolamento deixou de ser um problema para os xikrins, que têm acesso à educação e saúde, por exemplo. A reserva dispõe de um ambulatório, com duas enfermeiras em tempo integral. Dois monitores indígenas também fazem pequenos atendimentos. A aldeia re-



Xicrin, com bebê: em 15 anos, população cresceu mais que o dobro

cebe periodicamente a visita de médicos, dentistas e laboratoristas.

Há programas de vacinação e campanhas preventivas, que incluem palestras, partos, pequenas cirurgias e exames laboratoriais, inclusive teste de HIV.

Na educação, os xikrins ga-

nharam uma escola e têm suas atividades acompanhadas por antropólogos e profissionais especializados em educação indígena. Duas professoras, auxiliadas por dois monitores índios, vivem na tribo e lecionam em português e na língua dos xikrins, o jê.

AGRICULTURA - Na agricultura, o convênio entre Vale e Funai resultou no fornecimento de sementes e mudas aos índios, que plantam arroz, milho e mandioca. Na reserva, também foi implantado um programa de manejo florestal. Os xikrins exploram ainda a castanha-do-pará e têm equipamentos para processá-la. A produção é transportada em caminhões e barcos.

Na aldeia xikrin, foram construídas casas de alvenaria, com uma estrutura completa de saneamento: poços artesianos, chuveiro coletivo, fossa séptica em concreto e incinerador de lixo. A modernização, porém, não extingue as tradições: uma das construções é a "Casa do Guerreiro".

Para proteger a reserva contra invasores e madeireiros, foram contratados guardas florestais. E os próprios índios fazem a segurança dentro da reserva. Todo o trabalho conta com o apoio de barcos e helicópteros cedidos pela Superintendência das Minas de Carajás (Sumic), da Vale do Rio Doce.

01/10/97
29/3/97
Kaiapó / Xikrins
99